



ERRATA

No artigo *Do igarapé ao Rip Rap: o processo de constituição da paisagem de um “lugar perigoso” em Manaus*, da autora Silvia Adriana Lima Corrêa, DOI 10.53000/rr.v14i1.17024, publicado no periódico **Revista Ruris- do Centro de Estudos Rurais**, Campinas, SP, V. 14, N. 01, entre as páginas 26-29.

Onde se lia o trecho como autoria própria (p. 26-27):

“Até meados do século XIX, os igarapés resistiram às intervenções e mantiveram-se presentes nas formas do espaço da cidade, estabelecendo, de certo modo, os limites de crescimento da cidade (...) até os anos sessenta sua ocupação produziu-se num processo que retoma a forma da cidade do final do século XIX, com o aterro dos igarapés da parte central da cidade e a construção de três pontes na Avenida Sete de Setembro. No final do século XIX, a cidade passou pela primeira expansão urbana, quando então foram aterrados, somente na parte central, sete igarapés (Valle, 1999), o que possibilitou a expansão da cidade para o leste e para o norte. A forma urbana de Manaus foi sendo moldada a partir do padrão topográfico limitado por vales afogados, com o rio Negro penetrando cidade adentro. A cidade foi se conformando aos igarapés que isolavam os blocos urbanos, e sua forma foi estruturada pelo conjunto de sistemas naturais, igarapés, áreas alagadas e margem do rio Negro. Se até o final do século XIX foram os igarapés que condicionaram a direção do crescimento da cidade, no início do século XX, os fatores naturais de limitadores da cidade foram sendo superados por aterramentos e pela construção de pontes (OLIVEIRA, 2008, p.34)”

Leia-se como citação direta de Oliveira (2008):

“Até meados do século XIX, os igarapés resistiram às intervenções e mantiveram-se presentes nas formas do espaço da cidade, estabelecendo, de certo modo, os limites de crescimento da cidade (...) até os anos sessenta sua ocupação produziu-se num processo que retoma a forma da cidade do final do século XIX, com o aterro dos igarapés da parte central da cidade e a



construção de três pontes na Avenida Sete de Setembro. No final do século XIX, a cidade passou pela primeira expansão urbana, quando então foram aterrados, somente na parte central, sete igarapés (Valle, 1999), o que possibilitou a expansão da cidade para o leste e para o norte. A forma urbana de Manaus foi sendo moldada a partir do padrão topográfico limitado por vales afogados, com o rio Negro penetrando cidade adentro. A cidade foi se conformando aos igarapés que isolavam os blocos urbanos, e sua forma foi estruturada pelo conjunto de sistemas naturais, igarapés, áreas alagadas e margem do rio Negro. Se até o final do século XIX foram os igarapés que condicionaram a direção do crescimento da cidade, no início do século XX, os fatores naturais de limitadores da cidade foram sendo superados por aterramentos e pela construção de pontes (OLIVEIRA, 2008, p.34).”

Onde se lia o trecho como autoria própria (p. 28):

“Os discursos escritos sobre a Amazônia apresentam, frente aos demais discursos da América Latina, a especificidade do fluvial. Na maioria das vezes são discursos conduzidos pela navegação, tanto no caso dos descobridores, ou aqueles em que a água aparece como instância prévia e se introduz em seu curso, quanto no caso dos exploradores científicos. São textualidades que repousam sobre o decurso, que se desdobram em uma infinidade de furos, igarapé, lagoas, afluentes, tributários, numa geografia de águas que, quando não invade tudo, se faz pressentir a sua volta, em sua permanência, em seu ritmo. São os discursos de uma nação de águas (PIZARRO, 2012, p. 18).”

Leia-se como citação direta de Pizarro (2012):

“Os discursos escritos sobre a Amazônia apresentam, frente aos demais discursos da América Latina, a especificidade do fluvial. Na maioria das vezes são discursos conduzidos pela navegação, tanto no caso dos descobridores, ou aqueles em que a água aparece como instância prévia e se introduz em seu curso, quanto no caso dos exploradores científicos. São textualidades que repousam sobre o decurso, que se desdobram em uma infinidade de furos, igarapé, lagoas, afluentes, tributários, numa geografia de águas que, quando não invade tudo, se faz pressentir a sua volta, em sua permanência, em seu ritmo. São os discursos de uma nação de águas (PIZARRO, 2012, p. 18).”

Onde se lia o trecho como autoria própria (p. 29):



“Além de terem sido vistos como barreiras à expansão da capital amazonense (OLIVEIRA, 2003), os igarapés no contexto da industrialização passaram a representar paisagens feias e malcheirosas, ocupadas por aqueles que pouco poderiam escolher onde morar, e que encontraram nas margens dos igarapés a possibilidade mais barata de construir sua moradia (COSTA JUNIOR e NOGUEIRA, 2010, p.191).”

Leia-se como citação direta de Costa Júnior e Nogueira (2010):

“Além de terem sido vistos como barreiras à expansão da capital amazonense (OLIVEIRA, 2003), os igarapés no contexto da industrialização passaram a representar paisagens feias e malcheirosas, ocupadas por aqueles que pouco poderiam escolher onde morar, e que encontraram nas margens dos igarapés a possibilidade mais barata de construir sua moradia (COSTA JUNIOR e NOGUEIRA, 2010, p.191).”